



O CURRÍCULO ENTRE A MÍDIA, O BRINQUEDO E A POLÍTICA DO CORPO: A BONECA BARBIE E OS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS, CULTURAIS E CORPORAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Pâmela Tamires Bezerra Ferreira da Silva (1); Lígia da Silva Santos (2)

pamelaufal@hotmail.com - Universidade Federal de Alagoas; lygyalavigne.ligia@gmail.com UFAL

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo realizar uma reflexão em torno do currículo na Educação infantil, mas especificamente acerca da relação com a mídia e o brinquedo, enfatizando a influência da boneca Barbie na construção e reprodução de estereótipos socioculturais e corporais. Para tanto foi realizado um estudo bibliográfico e rodas de diálogos com crianças de uma turma de educação infantil em Maceió-AL, afim de compreender as relações sociais midiáticas no processo de ensino-aprendizagem, como na construção de simbologias e identidades subjetivas. Concluímos que a coeducação tem um papel fundamental na intervenção e combate as desigualdades, exclusões e preconceitos proporcionados pelo controle e alienação estética em meninas e meninos desde as suas infâncias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Barbie, Estereótipos, Política do corpo

1. INTRODUÇÃO

Ainda em nosso cotidiano contemporâneo, as diferenças culturais, sociais, étnicas, raciais e de gênero têm sido desrespeitadas e discriminadas de forma rotineira, naturalizada e que vem sendo transmitidas de geração para geração.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, a expansão do industrialismo direcionou suas táticas também ao público infantil em torno do consumismo de brinquedos e produtos simbólicos com o auxílio midiático. No que se refere, a questão de gênero e diversidade, um dos brinquedos que se destaca nesse quesito de influenciar os

sujeitos desde a infância, trata-se da boneca Barbie, a qual iremos discutir com embasamento teórico em textos referentes a temática proposta e a partir de uma análise realizada no estágio supervisionado na educação infantil no curso de Pedagogia. Também relacionaremos esse estudo aos aspectos de coeducação como uma importante ferramenta no espaço educacional desde a educação infantil.

2. METODOLOGIA

A pesquisa partiu de um estudo bibliográfico e da realização de uma dinâmica e roda de diálogos com crianças de uma turma de educação infantil de uma escola pública em Maceió-AL no ano letivo de 2013.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudos iniciam a partir do relato e análise da dinâmica: “Eu queria ser..” realizada com as crianças objetos do estudo..

A dinâmica foi realizada da seguinte forma: As crianças vinham ao centro da roda e interagiam com as estagiárias. Elas não serão identificadas, portanto, serão nomeadas pelas letras alfabéticas, apenas será identificado o sexo de cada uma. Abaixo segue a transcrição da gravação da dinâmica.

Criança A (Sexo Masculino): “[...]Eu queria ser o Peter Pan porque ele “avoa”!”

Estagiária: “Ele voa! Que legal! E como ele é?”

Criança A (Sexo Masculino): “Ele tem o chapéu verde e roupa verde...”

Criança B (Sexo Feminino): “[...]Eu queria ser o pica-pau”

Estagiária: “Porque você gostaria de ser o pica-pau”

Criança B(Sexo Feminino): “Por que ele derruba as árvores e canta (neste momento todos as crianças ajudam a imitar a risada do pica-pau incentivado pelas estagiárias)

Criança C (Sexo Masculino): “[...] Eu quero ser o Homem de ferro!”

Estagiária: *Homem de ferro! Por que o que ele faz?*

Criança C (Sexo Masculino): “Ele sobe...Ele luta!”

Criança D (Sexo Masculino): “[...]Eu...Eu queria ser o homem aranha!”

Estagiária: Por que você gostaria de ser o homem aranha?

Criança D(Sexo Masculino): “Solta teia e a roupa dele é vermelha! [...]”

Criança E (Sexo Masculino): “[...]Eu queria ser o Hulck porque ele é verde, grande e forte!”

Criança F (Sexo Masculino): “[...] Eu queria ser o Ben10!”

Estagiária: “Por que você queria ser o Bem 10? O que ele faz?”.

A Criança estava tímida e só respondeu algumas perguntas como a cor da roupa do personagem e se ele era um bandido ou herói. As respostas foram “verde” e “heroi” respectivamente de acordo com as perguntas. As demais crianças ajudavam o entrevistado a responder as perguntas pois também conheciam o personagem, principalmente os meninos.

Criança F (Sexo Masculino): “[...]Eu queria ser um robô!”



Estagiária: *“Qual o nome do robô?”*

Criança F (Sexo Masculino): *“É...! não tem nome não!”*

A estagiária sugere que ele crie um nome, mas o mesmo para e pensa e responde que ele não tinha nome, mas que queria ser o robô porque ele se transformava em um carro.

Criança G (Sexo Feminino): Quando vai se identificar fala apenas o apelido, a professora que estava na sala, escutando a dinâmica, sugere que ela fale o nome completo. A criança faz o que foi pedido e logo após inicia a dinâmica dizendo o personagem que gostaria de ser.

Essa criança entrevistada, como já citado anteriormente era a que tinha preconceito com a cor negra, na qual foi alertada pela própria mãe, mesmo a professora dizendo que na sala de atividades ela não apresentava tais atitudes. A criança inicia dizendo que gostaria de ser a Barbie. *“ [...]Gostaria de ser a Barbie porque ela tem vestido rosa e mora em um castelo.[...] O cabelo dela é amarelo e os olhos vermelhos”.*

Criança H (Sexo Masculino): *“[...]Eu queria ser um ninja!”*

As estagiárias fazem algumas perguntas para o aluno desenvolver sua fala, em seguida a criança faz algumas considerações: *“[...]Ele é*

bom! A roupa é vermelha (a camisa do aluno também era vermelha) e usa uma máscara”.

Criança K (Sexo Feminino): Em seguida uma criança de cor negra diz que gostaria de ser a Barbie, vale ressaltar, que uma outra criança já havia dito que também gostaria de ser essa personagem. Essa criança em sua blusa tem a imagem da Barbie, o que demonstra que a mesma gosta muito dessa personagem. A estagiária pede pra criança descrever a personagem escolhida: *“Ela tem um cabelo amarelo, olho azul e ela é linda”*

É perguntado se ela (Barbie) tivesse cabelo preto continuaria bonita. A criança responde que não, mesmo o seu cabelo sendo preto. *“E se ela fosse gorda seria bonita?”* pergunta a estagiária e a criança diz: *“Não! Ela tem que ser magra, cabelo branco, linda e maravilhosa!”*

Criança L (Sexo Feminino): Apenas uma criança se recusou a participar da dinâmica, ela escutou a todos os colegas e os ajudava. Aproximamos-nos dela e pedimos para ela falar baixinho perto das estagiárias e mesmo assim ela continuou a recusa. Esta aluna relatada pela professora é considerada especial e em certos momentos possui dificuldade de realizar algumas atividades.



Criança M (Sexo Masculino): Esta criança esta vestida com a camisa do personagem Ben 10, mas ao ser perguntado “o queria ser”, o mesmo diz que queria ser o Homem de Ferro igualmente a outro colega que também já havia selecionado esse personagem. O mesmo o descreve dizendo: *“Ele é muito forte!”*

Criança N (Sexo Feminino): A próxima criança cita que gostaria de ser a *“Branca de neve”*.

“Porque ela é linda o cabelo dela é loiro com preto, ela faz comida e mora com um homem”.

Ao ser perguntado quem era o homem ela diz que era o príncipe e que ele era lindo.

A sessão foi terminada às 17:00h. Os pais e/ou responsáveis em seguida já estavam chegando para buscar as crianças.



Materiais utilizados:

Câmera fotográfica e de vídeo

O contato com as crianças através dessa dinâmica foi de crucial importância para realizar uma análise acerca das características, sentimentos, atitudes e identidade de cada uma através da escolha do personagem proposta, que poderia ser de livros, gibis, histórias, filmes ou até mesmo imaginado.

Foi observado que a maioria gostaria de ser personagens de desenhos animados e filmes, no qual alguns deles como o “Homem de Ferro” e o “Hulck” estavam em cartaz recentemente próximo a data da realização da sessão. Apenas um personagem foi imaginado, como por exemplo, o do “robô”, e apenas duas faziam parte do conto de fadas como o “Peter Pan” e a “Branca de Neve”.

As respostas em relação a boneca Barbie, nos surpreendeu no sentido em que a mídia traz uma certa rotulação em relação a padrão de beleza, pois as crianças trazem o bonito no aspecto físico “magra, loira e olho azul”.

com o intuito de vender mais, as grandes indústrias passaram a unir mídia e brinquedo, fabricando múltiplos bonecos, jogos e fantasias relacionados a filmes ou desenhos de televisão. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a boneca Barbie é um objeto com identidade cultural, pois seu sucesso pode ser atribuído também às narrativas tramadas sobre ela em diferentes mídias, que construíram e renovaram suas diversas identidades, adequando-as à cultura de cada época. (CRUZ;SILVA, 2012, p. 98)



A Barbie possui o status de boneca manequim mais vendida no mundo durante mais de cinquenta anos. Evidencia consigo uma imagem inocente de um mundo fantasioso para as crianças e uma certa forma de inserção no mundo adulto, com um novo objetivo, que conforme Cruz e Silva (2012, p. 97) “o objetivo não é cuidar e alimentar a criança-boneca, mas ser a boneca adulta. Portanto, considera-se que a boneca Barbie é um brinquedo não inclusivo e influenciador de estereótipos corporais, sociais e de comportamento, pois “a sua marca cor-de-rosa ensina e produz certas formas de pensar, de agir, de estar e se relacionar com o mundo” (CRUZ; SILVA, 2012,p.98)

E esses ensinamentos durante muito tempo estão centrados numa visão eurocêntrica em torno da representação de mulheres magras, brancas, com cabelos loiros, lisos e olhos azuis. “Barbie apresenta uma significação corporal feminina construída sob os moldes higienistas e eurocêntricos, fomentando a supremacia de apenas um tipo de beleza”. (CRUZ; SILVA, 2012,p.99)

Também ocorreu a criação da Barbie de cor negra na década de 1980, entretanto suas características eram semelhantes aos padrões de belezas considerados hegemônicos norte-americanos. Diante disso, não ocorria a representatividade de crianças gordas, de

olhos e cabelos diferente, ou que realmente trouxesse a representação da verdadeira etnia negra e a herança de seus traços físicos essenciais. Na opinião das autoras:

dessa forma, as bonecas negras não significam a democratização dos brinquedos ou uma problematização da diversidade, mas uma ampliação do mercado de bonecas, que procura atingir um número maior de meninas consumidoras”. (CRUZ; SILVA, 2012,p.99)

Nesse sentido de democratizar através da representação dos brinquedos, observa-se que a Matell, fabricante da boneca Barbie tem recebido diversos questionamentos ao longo dos anos em torno da falta de representatividade da diversidade étnica, social e cultural com o intuito de quebrar estereótipos e ideologias.

Não se pode negar que já existiu versões de Barbie grávida, obesa, idosa, com necessidades especiais, mas sempre caracterizados como uma minoria, muita das vezes retirados de comercialização por críticas ou até mesmo falta de lucratividade em torno da sociedade e suas normas hegemônicas e heteronormativas.

algumas versões do Ken causaram também polêmica. O Ken Brincos Mágicos, por exemplo, fazia parte da coleção Barbie Brincos Mágicos, junto a seis bonecas. Ele foi o primeiro boneco a ser representado



com brinco, cabelos pintados com “mechas” e estava vestido com uma camiseta e colete roxos. Muitos consumidores interpretaram o visual do boneco como a representação estereotipada de um homem homossexual, causando grande venda do boneco. (CRUZ; SILVA, 2012,p.100)

Como pode-se observar a própria criação e produção industrial da Barbie e do Ken trás consigo questionamento polêmicos no que se refere as características, lucro, preconceito e subjetividades corporais e estéticas.

ao elencar determinadas características como “as melhores”, os corpos dos bonecos e bonecas fabricam modos de subjetivação que produzem “verdades” sobre como deve ser o corpo, o comportamento e as atitudes normais. Nas falas referentes ao boneco Ken, emergiram discursos que mostram como esse boneco não representa o ideal de masculinidade da cultura. (CRUZ; SILVA, 2012, p. 106)

GALLO (2015, p. 5) menciona que para ocorrer a coeducação devem ser “corrigidos todos os tipos de desigualdades ou mecanismos discriminatórios por razão do sexo”. Portanto é crucial o olhar da sociedade em geral para enfrentar os mecanismos que insistem em excluir os sujeitos sociais seja em relação a classe social, cultura ou gênero como apresentado nos relatos.

Diante disso, pode ser citado o recente fato ocorrido em 28 de janeiro de 2016, revelado nas diversas mídias, sobre a inclusão

de bonecas barbies com novas formas de corpos, tons de pele e cores de olhos, atendendo reivindicações constituídas ao longo das cinco décadas.

As bonecas apresentadas nas imagens realmente mostram bonecos/as diferentes das tradicionais. Concordamos que é muito importante a existência dessas bonecas no sentido da representatividade. Entretanto, na própria apresentação da Matell, ocorre de certa forma de forma a chamar atenção das crianças no mundo moderno em torno da concorrência com brinquedos eletrônicos, ou seja a preocupação realmente foi midiática, principalmente também em torno de reivindicações de grupos feministas e educadores que diariamente estão à frente de projetos em combate a ditadura da beleza e problemas provocados como bullying, anorexia, bulimia, entre outras doenças.

4. CONCLUSÃO:

No que se refere ao âmbito escolar, o estudo das autoras Cruz e Silva (2012) apontam o quanto é crucial a oferta de diferentes tipos e formatos de bonecas no intuito de aprender brincando com a diversidade. Entretanto, vale ressaltar a importância de uma mediação pedagógica e psicossocial mediante um olhar humanista e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

crítico. Cruz e Silva (2012) propõem em seu estudo que os profissionais que atuam com crianças, sejam professores, psicólogos, assistentes sociais, entre outros, abram espaços de abordagem inclusiva de brinquedos que trabalhem questões sociais e que fujam de padrões que induzam o fortalecimento do sistema capitalista, estereótipos físicos e comportamentais no que se refere ao gênero e diversidade e todos os aspectos de influência como cognitiva, moral, afetiva de meninas e meninos em nossa sociedade contemporânea relacionando a atitudes coeducativas.

finaliza-se com o convite/provocação para que os profissionais que atuam com crianças estranhem os artefatos para a infância e abram espaço em suas salas de aula, consultórios ou brinquedotecas para as bonecas que fogem ao estilo imposto pela norma e pelo poder vigente. Talvez assim, formem-se sujeitos mais generosos e menos preconceituosos. (CRUZ; SILVA, 2012,p.110)

A concretização desses objetivos tem sido desafiadores nos espaços escolares, principalmente os públicos, entretanto é importante reconhecer que vale apenas enfrentar esses desafios através da coeducação, pois esta possibilita uma discussão e reflexão acerca das desigualdades e violência presentes na sociedade e num

nova formação ética aos educandos com um maior diálogo tendo como o valor principal o respeito as diferenças e a promoção qualidade não no sentido apenas de conhecimentos cognitivos mas de atitudes e ações relativizadoras. A coeducação surge portanto como uma intervenção no desenvolvimento dos sujeitos sociais independente de gênero, sexualidade, etnia, cor, religião, cultura, classe social e etc. e essa representatividade através de brinquedos e brincadeiras auxiliam em um intercâmbio de ensinamentos e aprendizagens entre docentes, discentes, escola, comunidade, culturas e empoderamento.

REFERÊNCIA

CRUZ, Michelle Brugnera; SILVA, Thaise da. **Barbie diversidade: o discurso multicultural da boneca na perspectiva das crianças.** Constr. psicopedag., São Paulo, v. 20, n. 20, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542012000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 fev. 2016

GALLO, Aimará Sonia Aravena. Unidade 2: Coeducação ou educação em valores sem desigualdade social de gênero, étnico-racial e de orientação sexual, cultura da violência e suas expressões no contexto patriarcal e androcêntrico. In: GALLO, Aimará Sonia Aravena; LIMA, Eden Erick Hilario Tenorio de. (Orgs.). **Módulo 5: Ética e coeducação.** Livro conteúdo. Universidade Federal de Alagoas – Especialização em gênero e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

diversidade na escola, Maceió:
CIED/EDUFAL, p. 1-14, 2015.

